

O psicanalista e as (des)humanidades à flor da pele

Carla Cristina Pierre Bellodi^[1]

RESUMO: A violência do racismo produz terror e alienação como algumas das consequências por não se ter o sofrimento reconhecido. O papel do ambiente e da dimensão relacional em jogo na recusa do reconhecimento dessa violência e o sofrimento que dela decorre são a negação do sujeito. As ideias de Ferenczi tais como trauma, confusão de línguas, identificação com o agressor e o desmentido podem se apresentar na sala de análise quando nos encontramos com dores dessa natureza, e podemos pensar nas consequências para a mente do sujeito negro em relação à busca por recuperar o sentido perdido ao longo de tantos desmentidos. Este trabalho coloca o tema do racismo no divã e busca trazer para o centro da discussão o questionamento sobre o papel do psicanalista. Como poderíamos avançar no processo de investigação dessa área traumática da desumanização do povo negro e integrar aspectos impensáveis no Eu-psicanalista?

PALAVRAS-CHAVE: racismo, desmentido, alianças inconscientes, trauma, alienação

1. Psicóloga e psicanalista. Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP).

Minha mãe é racista, minha mãe tem ódio de ser negra, parece até estranho eu falar isso, mas minha mãe não gosta de negros, ela odeia o filho negro, ela arrumou um homem branco para não ter um filho negro, e nasceu eu. É estranho, eu não me reconheço nem como preto nem como branco, eu não seria mais bem-vindo na favela porque eu estudei, e eu não sou bem-vindo aqui [se referindo à Universidade] porque eles acham que valho menos que eles. (Pedro, 49 anos, vinheta clínica)

Pedro é um rapaz negro, criado por uma mãe negra, que se separou de seu pai branco quando ele ainda era criança. O pai casou-se novamente com uma mulher branca e formou uma nova família com filhos brancos. Após a morte do pai, Pedro começou a viver uma grande desorganização mental e procurou análise.

Ele completou quatro graduações: história, ciências sociais, relações internacionais e direito. É professor de história para alunos do segundo grau e, embora tenha conquistado todos esses diplomas, tem uma vida pobre em relações afetivas, vivendo isolado em sua “caverna” (um apartamento onde acumula livros, mas não tem móveis, nem mesmo fogão e geladeira). Não consegue finalizar seu mestrado e tem uma relação muito difícil com sua mãe, que é uma acumuladora e está prestes a ser despejada de sua casa.

Passou a receber ligações de pessoas cobrando contas e fazendo reclamações de sua mãe, e começou a se desorganizar ainda mais. Não queria retomar o contato com ela e ter que olhar para “toda aquela bagunça”, para todo o acúmulo que poderia representar as dores acumuladas ao longo da vida dos dois. Sente que ainda não consegue “ajudá-la”, pois necessita de trabalho psicológico para se aproximar e elaborar essas dores, e não consegue “interditá-la”, pois intui que, em algum nível, os objetos acumulados contam algo sobre sua história – não seriam apenas objetos que necessitavam ser descartados como num programa de televisão.

A situação difícil de acumuladora traz para o centro da questão o que a maioria dos brancos querem deixar à margem. O incômodo provocado na vizinhança, no proprietário da casa, no filho, traz ao centro da conversa em análise o tema do racismo e suas terríveis consequências para a mente do negro.

Este trabalho procura colocar esse tema no divã e busca trazer para o centro da discussão o questionamento sobre o lugar do psicanalista no interior desse conflito social e cultural. Como poderíamos avançar no processo de investigação dessa área traumática da desumanização do povo negro e integrar aspectos impensáveis no Eu-psicanalista?

Durante os últimos 500 anos, vivemos uma humanidade que oprimiu o outro por meio da escravidão. Brancos e negros vivendo como colonizadores e colonizados, sendo os brancos considerados “humanos”, e os negros “desumanizados”.

Frantz Fanon (1961/2022), psiquiatra e pensador martinicano que desenvolveu um pensamento indispensável para a compreensão de como os desdobramentos da ideia de raça e do colonialismo influenciam a vida social, afirma que a estrutura colonial construiu um não lugar, um espaço de invisibilidade. O colonialismo funda um mundo cindido entre

zonas do ser e do não ser. E a zona do ser (colonos) é sustentada na existência da zona do não ser (colonizados). A raça funcionaria como mecanismo de distinção entre quem tem o reconhecimento da sua humanidade em oposição àqueles considerados não humanos.

Outro aspecto fundamental da sua obra é a violência da linguagem e como ela imprime suas marcas na alma, além de legitimar e estruturar a lógica no aparato opressor. Pensando nessas zonas do ser e do não ser, e sobre a importância da linguagem, é preciso pensar sobre o psicanalista e a sua responsabilidade na perpetuação do trauma da violência do racismo e na descolonização, não só da vida material, mas do nosso imaginário, como sugere Fanon (1952/2008, citado por Barros, 2023a, 2023b):

Sobre a possibilidade de construir uma outra visão de mundo onde caibam todos os outros mundos. Isto não é uma aposta da homogeneização humana, mas sim a possibilidade de a diferença poder trafegar livremente sem pressupostos de exploração e de lugares de exclusão. Sem as sequelas da colonização da vida.

Grada Kilomba (2008/2020), uma autora negra, aponta um mecanismo psíquico no qual o colonizador subjuga o colonizado por meio do exercício de poder de depositar no colonizado os aspectos indesejados e negados. Afirma que o “sujeito negro torna-se então aquilo a que o sujeito branco não quer ser relacionado”. O sujeito branco cria no “Outro” um antagonista do “Eu” (self).

Esta cisão evoca o fato de que o sujeito branco de alguma forma está dividido dentro de si próprio, pois desenvolve duas atitudes em relação à realidade externa: somente uma parte do ego – a parte “boa”, acolhedora e benevolente – é vista e vivenciada como “eu” e o resto – a parte “má”, rejeitada e maléfica – é projetada sobre o “Outro” como algo externo. O sujeito negro torna-se então tela de projeção daquilo que o sujeito branco teme reconhecer sobre si mesmo, neste caso: a ladra ou ladrão violento, a/o bandida/o indolente e maliciosa/o. Tais aspectos desonrosos, cuja intensidade causa extrema ansiedade, culpa e vergonha, são projetados para o exterior como um meio de escapar dos mesmos. (Kilomba, 2008/2020, p. 28)

René Kaës, psicanalista francês, tem dois conceitos importantes para pensar a articulação dos espaços psíquicos individuais e dos espaços intersubjetivos comuns e compartilhados: a aliança inconsciente (2014) e o pacto denegativo (2011). Esses conceitos são muito utilizados para pensar as relações dentro de famílias, casais, grupos e instituições, e poderiam ser utilizados para pensar a aliança e o pacto dentro do casal da análise, formado pelo par analista e paciente.

As alianças inconscientes tanto unem quanto excluem. Ela exclui de início no espaço interno: para que elas se estabeleçam, algumas representações e pensamentos devem ser recalçados, outros negados e outros rejeitados ou escondidos, ou enquistados nas profundezas do ser, ou ainda – e nesse caso mais radicalmente – colocados num depósito ou exportados num espaço psíquico fora do próprio eu. Para que a relação se constitua e se mantenha, ninguém deve ter consciência disso

tudo. Segundo esse ponto de vista, a aliança é construída contra um inimigo, contra o estrangeiro, contra terceiros, ou em face a terceiros, para desafiá-los (Kaës, 2014).

Dentre essas alianças, algumas têm funções estruturantes para a vida psíquica; e para alcançar o que há de mais valioso na civilização humana, teremos muito trabalho mental para fazer renúncias (aguentar a exclusão, perder privilégios, realizar lutos) e desenvolver uma ética interna, organizadora do laço social e do conjunto intersubjetivo (Kaës, 2014).

Outras alianças são essencialmente defensivas, são alienantes e patológicas e, juntamente com o pacto denegativo, dizem dos apagamentos, das rejeições e recalcamientos “deixados de lado”. O pacto denegativo cria, no conjunto do não significável e do não transformável, as zonas de silêncio, as criptas, os bolsões de intoxicação, os espaços-lixeira ou as linhas de fuga que mantêm o sujeito estrangeiro à sua própria história (Kaës, 2011).

O trabalho da análise nos permite pensar, transformar e ampliar nossa mente em busca de uma vida mais criativa e potente. Entretanto, o racismo poderia ser um elemento ainda impensável na mente da dupla paciente-analista através de uma aliança inconsciente alienante e, juntamente com o pacto denegativo, sustentaria no conjunto do não significável e do não transformável as zonas de silêncio ou as linhas de fuga que manteriam a dupla paciente-analista fora dessa área de pensamento.

A psicanálise, quando utilizada como forma de escuta de subjetividades que compõem as noções de humano, pode ser um instrumento de libertação por meio do seu testemunho e do seu potencial transformador. Mas a psicanálise poderia aprisionar e (re)traumatizar aqueles que embarcam em seus caminhos? Se os psicanalistas não puderem acessar o pacto narcísico com a parte que nega o racismo e constrói alianças inconscientes, continuarão perpetuando o pacto denegativo, convivendo entre brancos e negros, e desconsiderado a existência do racismo e o impacto traumático desse pacto em nossas mentes.

Estamos acostumados a falar em termos de mal-estar inerente à condição humana, do desamparo constitutivo de nossa espécie, do trauma estruturante, ou seja, de algo que estaria dado de saída para todas e todos. Esses conceitos são muito importantes na clínica psicanalítica, mas igualar o impacto da violência do racismo ao desamparo inerente ao ser humano poderia ser considerado um desmentido social.

A violência do racismo produz terror como uma das consequências de não ter o sofrimento reconhecido. O papel do entorno, do ambiente e da dimensão relacional em jogo na recusa radical do reconhecimento da violência do racismo e o sofrimento que decorre dessa violência, em última instância, são a negação do próprio sujeito. Isso é o que Ferenczi postulou como uma noção de *desmentido*.

As ideias de Ferenczi tais como trauma, confusão de línguas, identificação com o agressor e o desmentido podem se apresentar na sala de análise quando nos encontramos com dores dessa natureza, e podemos pensar nas consequências para a mente do sujeito negro em relação à busca por recuperar o sentido perdido ao longo de tantos desmentidos.

Para Ferenczi, em cada criança que há no adulto, há um infante. O infante seria o sujeito vulnerável que, se não encontrar um ambiente favorável ao seu desenvolvimento e for sensível às necessidades emocionais do ambiente, pode tornar-se um bebê sábio. O bebê sábio passa a ser a ilustração de um comprometimento dos processos identificatórios, pois ele é aquele que incorporou o agressor, o objeto persecutório, pela via do mimetismo.

Ferenczi utiliza o termo “*Verleugnung*”, utilizado por Freud em seu texto sobre o *fetichismo*, para criar uma ideia do desmentido traumático no contexto relacional, e retoma o conceito de trauma, abandonado por Freud, ampliando muito a compreensão do trauma enquanto traumatogênese, que ocorre a partir da participação do outro na constituição do evento traumático.

Ferenczi percebeu que, diante da experiência da ameaça, as subjetividades traumatizadas se relacionam com o objeto hostil de maneira submissa e obediente. Essa percepção pode nos ajudar a compreender por que a mãe de Pedro agride de maneira “racista” seu filho negro. É a sua parte identificada com o agressor, a parte traumatizada, que atua de maneira insensível, apenas repetindo a agressão sem possibilidade de elaboração e transformação.

Por outro lado, Pedro também fica obediente a essa parte e “gruda” no objeto hostil de tal maneira que não consegue dar continuidade aos seus sonhos e usufruir de maneira criativa e livre das suas conquistas profissionais. Elas ficam acumuladas, como um bebê que fala como adulto que, no entanto, não pode brincar livremente.

A origem de toda experiência traumática se origina quando, na relação de obediência entre o sujeito que vive a violência do racismo e aquele que promove o ato racista, o segundo deixa de perceber a dissimetria entre eles e viola a pessoa negra, gerando dor e um excesso de excitação sem representação no seu psiquismo (esse seria o primeiro tempo do trauma). Essa violação não é necessariamente de ordem sexual ou física, podendo aparecer na forma de abusos psíquicos, na forma de um apoderamento do sujeito negro para satisfazer as necessidades e manutenção do poder e dos privilégios dos brancos.

Esse primeiro momento é o indizível, no qual o terror da experiência de violação se estabelece não simbolizado. Passado esse primeiro momento, o sujeito que sofre o racismo, na tentativa de representar tal experiência, busca representar o “não dito”, procurando pelo sentido e pelo reconhecimento de sua dor. Quando falamos do trauma proveniente dos abusos do racismo, este seria o momento de o analista testemunhar a violência vivida pelo sujeito e poder dizer, ouvir e sofrer o não dito.

Fragmento clínico

Pedro: Eu nunca deixei espaço na minha vida para nada além da faculdade, mas aí veio a pandemia e eu comecei a sentir tudo ao mesmo tempo, porque eu não ficava mais o dia todo dando aula, eu não ficava a noite fazendo minha pesquisa, o meu ambiente

se restringiu a minha casa. Agora tá vindo muita coisa ao mesmo tempo, e eu não tô sabendo lidar com isso.

Eu estou sentindo raiva, tristeza, sono, desânimo, nem meu trabalho que era onde eu me achava bom, nem minha pesquisa que eu achava que era onde eu me destacava, eu tô dando conta de fazer.

Analista: Parece uma barragem, você ficou represando muita coisa por muito tempo e agora saiu tudo de uma vez.

[Silêncio.]

Pedro: É a metáfora perfeita, é isso que eu sinto. Desculpa, é muito difícil pra mim estar aqui, eu sempre tive que ser forte, eu sempre tive que dar conta de tudo sozinho, é difícil eu estar nessa condição de pedir ajuda [chora].

A metáfora da barragem é importante, pois cria uma imagem inicial da clivagem vivida entre as partes pensáveis e as outras partes acumuladoras – partes que acumulam dores irrepresentáveis que se repetem compulsivamente e ficam prisioneiras no meio da desordem para a qual Pedro não consegue olhar (por acessar dores insuportáveis e não ter tido companhia para isso, até então), permanecendo impedido de integrá-la à sua história.

Ferenczi nomeia de *clivagem narcísica* essa modalidade defensiva, diferente do recalque, da psicose e da perversão. Essa clivagem seria a divisão de uma parte identificada com o agressor – a parte acumuladora da mãe e todos os agressores presentes na mente da mãe; aquela parte que sabe tudo, mas não sente; um saber acumulador – da outra parte sensível destruída. O elemento clivado seria o desenvolvimento natural e a espontaneidade, o protesto contra a violência e a injustiça em que a obediência é afetada em relação à dominação.

Pedro traz tudo isso para a sua análise com o anseio de poder se aproximar dessa bagunça, desse acúmulo de elementos irrepresentáveis, de maneira a conseguir se desfazer das identificações com o agressor, vividas, revividas e desmentidas repetidas vezes com sua mãe. Anseia pelo testemunho dessas dores profundas e pelo reconhecimento de que as dores são provocadas pela violência do racismo, pelo horror de ser odiado devido a sua raça e sua cor.

O segundo tempo primordial na teoria de Ferenczi sobre o trauma é por parte do analista, pois é quando a violência sofrida pelo sujeito irá se consumir como traumática. Se nesse momento o Eu-psicanalista não puder viver na pele as dores como dores advindas do racismo e de seus desdobramentos, anestesiando-se dessa experiência dolorosa e disruptiva, falhará nesse segundo tempo do testemunho, promovendo o desmentido e causando um grande impacto sobre os processos em estado de desenvolvimento. Se o psicanalista desacredita a experiência do racismo, todo um conjunto de estados mentais se esvai diante do “poder” do testemunho. Essa é uma forma específica de violência derivada da necessidade de silenciar o outro.

Reconhecer o racismo, nomear essa experiência vivida por sua mãe e por ele, seria o “salvamento emocional” necessário para manter sua esperança viva, e se esse salvamento não chegar, repete-se a desorientação psíquica, o estado de alienação.

O salvamento emocional não chega e até mesmo a esperança de salvamento parece excluída. O desprazer cresce e exige uma válvula de escape. Tal possibilidade é oferecida pela *autodestruição*, a qual, enquanto fator *que liberta da angústia*, será preferida ao sofrimento mudo. O mais fácil de destruir em nós é a consciência, a coesão das formações psíquicas numa entidade: é assim que nasce a *desorientação psíquica*. (Ferenczi, 1934/1992, pp. 110-111)

O trauma assume o caráter desestruturante quando a pessoa que sofreu o racismo é desmentida, configurando-se uma situação de abandono por aquele que foi chamado para legitimar e significar a violação sofrida pela pessoa.

O pior é realmente o desmentido [*Verleugnung*],^[2] a afirmação de que não aconteceu nada, de que não houve sofrimento ou até mesmo ser espancado e repreendido quando se manifesta a paralisia traumática do pensamento ou dos movimentos; é isso, sobretudo, que torna o traumatismo patogênico. (Ferenczi, citado por Kupermann, 2019, p. 58)

Com o testemunho desmentido por um adulto em quem confia, resta à criança abandonada identificar-se com a versão do agressor. Não se trata mais de um desamparo constitutivo, e sim de uma angústia de morte referente ao abandono traumático e conseqüentemente, uma vez que é uma incorporação do objeto, à clivagem narcísica. O agressor desaparece como realidade externa: o acontecimento deixa de ser extrapsíquico e se torna intrapsíquico.

Quando se abandonou qualquer esperança de ajuda por parte de uma terceira pessoa, e se sente as próprias forças de autodefesa totalmente esgotadas, nada mais resta senão esperar a clemência do agressor. Se me submeto tão completamente à vontade dele que deixo de existir, se, portanto, não me oponho a ele, talvez me conceda salvar a vida. (Ferenczi, 1990, p. 143)

Nesse sentido, pode-se dizer que é sobre a repetição do tempo do testemunho que mais atuamos clinicamente em psicanálise, possibilitando ao analisando, por meio do resgate da confiança perdida, a oportunidade de encontrar um interlocutor capaz de escutar sua dor e atestar seu desalento, recuperando seu lugar de sujeito sonhante e desejanste. Quando trabalhamos com a dor psíquica negligenciada e não metabolizada, torna-se possível ao analisando a “saída da hipnose de dentro para fora” (Ferenczi, 1931/1992).

O desmentido dentro da relação analítica não seria “apenas” o desmentido do racismo inconsciente que pode estar presente na mente dos analistas. Penso que também seria o desmentido do pacto denegativo, em que a aliança inconsciente social, na qual estamos todos envolvidos, ficaria de fora das nossas representações e

2. Na tradução original do ensaio “Análise de crianças com adultos”, de Ferenczi (1931/1992), originalmente se lê “a negação”, em vez de “o desmentido”, para a ideia de *Verleugnung*, mas seguimos aqui o ajuste apresentado por Kupermann (2019) ao citar essa passagem, defendendo o segundo termo “devido ao elemento efetivamente gerador de sofrimento psíquico intolerável para a subjetividade, chegando a se confundir com a própria especificidade do traumático” (p. 59).

continuar a perpetuar e a repetir as (des)humanidades possíveis. Ainda é frequente ouvir relatos de psicanalistas que negam o racismo e acreditam que essa seja uma pauta política, partidária, que não sustenta a neutralidade necessária ao trabalho de análise.

Ferenczi ousou questionar o lugar da “neutralidade” do psicanalista e denunciar uma atitude de “hipocrisia” profissional, indicada pela falta de sensibilidade para algumas dores do paciente, excluídas do âmbito social.

Esse desmentido seria resultado de elementos arcaicos poderosos que podem estar presentes na mente do negro e na mente do branco, na mente do analista e na do analisando, presentes dentro das relações analíticas juntamente com muitos outros elementos. Ferenczi (1929/1992), em seu texto “A criança mal acolhida e sua pulsão de morte”, afirma que as crianças recebidas friamente e sem afeto morrem com facilidade ou têm uma propensão para morrer. Pedro traz microvotos de morte (Minerbo, 2015) que recebe de sua mãe, que também recebeu outros microvotos de morte por meio do racismo presente em nossas relações.

Como fornecer um ambiente adequado para o “terrorismo do sofrimento” gerado pela dor excessiva do racismo ocorrida na infância de Pedro por ação dos próprios genitores e de todo um contexto histórico e social? Como despertar um sujeito assassinado que está fora de si, fora do cenário da conversação compartilhada, contrastando, como diz Ferenczi, o vazio interior que assim se formou e agora é ocupado pela vontade alheia de quem o assustou e violentou?

A opção decolonial na psicanálise busca indicar o imaginário que embasa esse modelo de subjetividade atribuído ao estatuto de universal, abstrato e atemporal. A opção decolonial na psicanálise necessita nomear as normas que podem operar na clínica, também do lado do analista, a fim de tornar audível aos ouvidos dos analistas o terror do desmentido racial. Os psicanalistas, em sua maioria brancos, não têm vocabulário para interagir com o “não ser” e com essas áreas impensáveis.

Segundo Grada Kilomba (citada por Carta Capital, 2016),

as pessoas brancas não se vêem [sic] como brancas, se vêem como pessoas. E é exatamente essa equação, “sou branca e por isso sou uma pessoa” e esse ser pessoa é a norma, que mantém a estrutura colonial e o racismo. (parág. 16)

Os psicanalistas brancos poderão ouvir esse material e relacioná-lo às dores humanas profundas e singulares executando um trabalho à parte das questões raciais. Seria uma maneira de manter o pacto silencioso sobre o racismo e nos proteger da dor e da responsabilidade do impacto do seu trauma no psiquismo do negro. Seria a manutenção do desmentido do racismo e do pacto denegativo.

A psicanálise tem um importante trabalho para construir novas ações específicas e psíquicas para transformar esse contexto, para que fuçamos da nossa inevitável destruição. É necessário convocar outros saberes disponíveis a fim de produzir novas metáforas propensas ao reconhecimento e à compreensão da alteridade. É preciso incluir no escopo da análise as marcas das hierarquias e das desigualdades raciais e sociais.

Canavêz e Verztman (2021), em seu artigo sobre desmentidos sociais, afirmam que o exemplo abominável da escravidão não pode ser pensado pelo narcisismo das pequenas diferenças, pois, no caso da questão racial, não se trata de pequenas diferenças, e sim de uma negação radical da alteridade.

Se não houver o processo de conhecer esse outro que criamos como desumano e conhecer o lugar em que está inserido, não conseguiremos caminhar para uma humanidade mais ética e mais justa. Se não pudermos, como analistas, acessar e nos aproximar dessa violência e dessa área traumática, sentir à flor da pele o nosso papel na desumanização do povo negro, continuaremos promovendo confusões de línguas entre analista e paciente, entre negros e brancos.

Entretanto, também podemos nos aproximar dos pensadores e intelectuais negros para realizar o nosso “luto da branquitude” das teorias psicanalíticas e procurar desfazer essa aliança alienante com a psicanálise exclusivamente branca e “limpa” de diversidade. Paim Filho (2021) ressalta que o letramento racial é necessário para os psicanalistas brancos, a fim de aproximá-los daquilo que nunca viveram, sentiram e pensaram por serem brancos, convocando-os a responsabilizar-se pelos silêncios e não ditos na psicanálise.

Retornando à epígrafe inicial, podemos sonhar com uma psicanálise/mãe que não recuse seu filho negro, que consiga ajudar Pedros e mães de Pedros a conscientizar seu inconsciente, a não mais tentar um embranquecimento alucinatório, mas a agir no sentido de uma mudança das estruturas sociais. Uma psicanálise que possa torná-los capazes de escolher a ação ou a passividade a respeito da verdadeira origem do conflito, muitas vezes em uma estrutura da qual não participaram e que lhes foi imposta, como afirma Frantz Fanon em *Pele negra, máscaras brancas* (1952/2008).

El psicoanalista y las (des)humanidades a flor de la piel

Resumen: La violencia racista produce terror y alienación; éstas son algunas de las consecuencias por no ser reconocido el sufrimiento que se ha padecido. El papel del ambiente y de la dimensión relacional que está en juego en el proceso de renegar el reconocimiento de dicha violencia y el sufrimiento que es consecuencia de esto consiste en la renegación del sujeto. Las ideas de Sandor Ferenczi tales como trauma, confusión de lenguas, identificación con el agresor y la desmentida pueden presentarse en el consultorio cuando nos deparamos con dolores de esa naturaleza y podemos pensar en las consecuencias que tiene para la mente del sujeto negro en relación con la búsqueda para recuperar el sentido que ha sido perdido a lo largo del proceso de tantas desmentidas. El presente artículo pone el tema del racismo en el diván y se dedica a incentivar discusiones al respecto del papel que tiene en este punto específico la labor del psicoanalista. ¿Cómo podemos avanzar en el proceso de investigación en esta

área traumática de deshumanização do povo negro e também integrar os aspectos impensáveis em o Eu-Psicólogo?

Palabras clave: racismo, desmentida o renegação, alianças inconscientes, trauma, alienação

The psychoanalyst and the (de)humanities skin-deep

Abstract: The violence of racism produces terror and alienation as some of the consequences of unrecognized suffering. The role of the environment and the relational dimension at play in the refusal to acknowledge this violence and the suffering it causes is the denial of the subject. Ferenczi's ideas such as trauma, confusion of tongues, identification with the aggressor, and disavowal can manifest in the analysis room when we encounter pains of this nature, and we can think about the consequences for the mind of the black subject in terms of seeking to recover the lost sense throughout so many disavowals. This work analyses the theme of racism and seeks to bring the questioning about the role of the psychoanalyst to the center of the discussion. How could we advance in the investigation of this traumatic area of the dehumanization of black people and integrate unthinkable aspects into the psychoanalyst-self?

Keywords: racism, disavowal, unconscious alliances, trauma, alienation

Referências

- Barros, D. R. (2023a). Aula 4: O trauma do torturador e do torturado. In *Frantz Fanon: as ideias e o legado* [Curso on-line]. Casa do Saber. <https://bit.ly/3vkwttp>
- Barros, D. R. (2023b). Aula 5: O último suspiro: condenados da terra. In *Frantz Fanon: as ideias e o legado* [Curso on-line]. Casa do Saber. <https://bit.ly/3vkwttp>
- Canavêz, F., & Verztman, J. S. (2021). Somos capazes de escutar os desmentidos sociais?. *Ayvu*, 8, 1-21. <https://bit.ly/3sb8hIH>
- Carta Capital. (2016, 30 de março). "O racismo é uma problemática branca", diz Grada Kilomba [Entrevista]. *Carta Capital*. <https://bit.ly/3QFcJc8>
- Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Edufba. (Trabalho original publicado em 1952)
- Fanon, F. (2022). *Os condenados da terra*. Zahar. (Trabalho original publicado em 1961)
- Ferenczi, S. (1990). *Diário clínico*. Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1992). A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. In *Psicanálise IV* (pp. 47-51). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1929)
- Ferenczi, S. (1992). Análises de crianças com adultos. In *Psicanálise IV* (pp. 69-83). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1931)
- Ferenczi, S. (1992). Reflexões sobre o trauma. In *Psicanálise IV* (pp. 109-117). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1934)
- Kaës, R. (2011). *Um singular plural: a psicanálise à prova do grupo*. Edições Loyola.
- Kaës, R. (2014). *As alianças inconscientes*. Ideias & Letras.

- Kilomba, G. (2020). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Cobogó. (Trabalho original publicado em 2008)
- Kupermann, D. (2019). *Por que Ferenczi?* Zagodoni.
- Minerbo, M. (2015). Contribuições para uma teoria sobre a constituição do Supereu cruel. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 49(4), 73-89.
- Paim, I. A., Filho. (2021). *Racismo: por uma psicanálise implicada*. Artes & Ecos.

Bibliografia consultada

- Ferenczi, S. (1992). Confusão de língua entre os adultos e a criança. In *Psicanálise IV* (pp. 97-106). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1933)
- Freud, S. (2020). *Além do princípio de prazer*. Autêntica. (Trabalho original publicado em 1920)

Carla Cristina Pierre Bellodi

Endereço: Rua Professora Ana Ramos de Carvalho, 878. Jaboticabal/SP.
CEP: 14887-038
Tel.: (16) 99621-1811
E-mail: carlacpierre@gmail.com